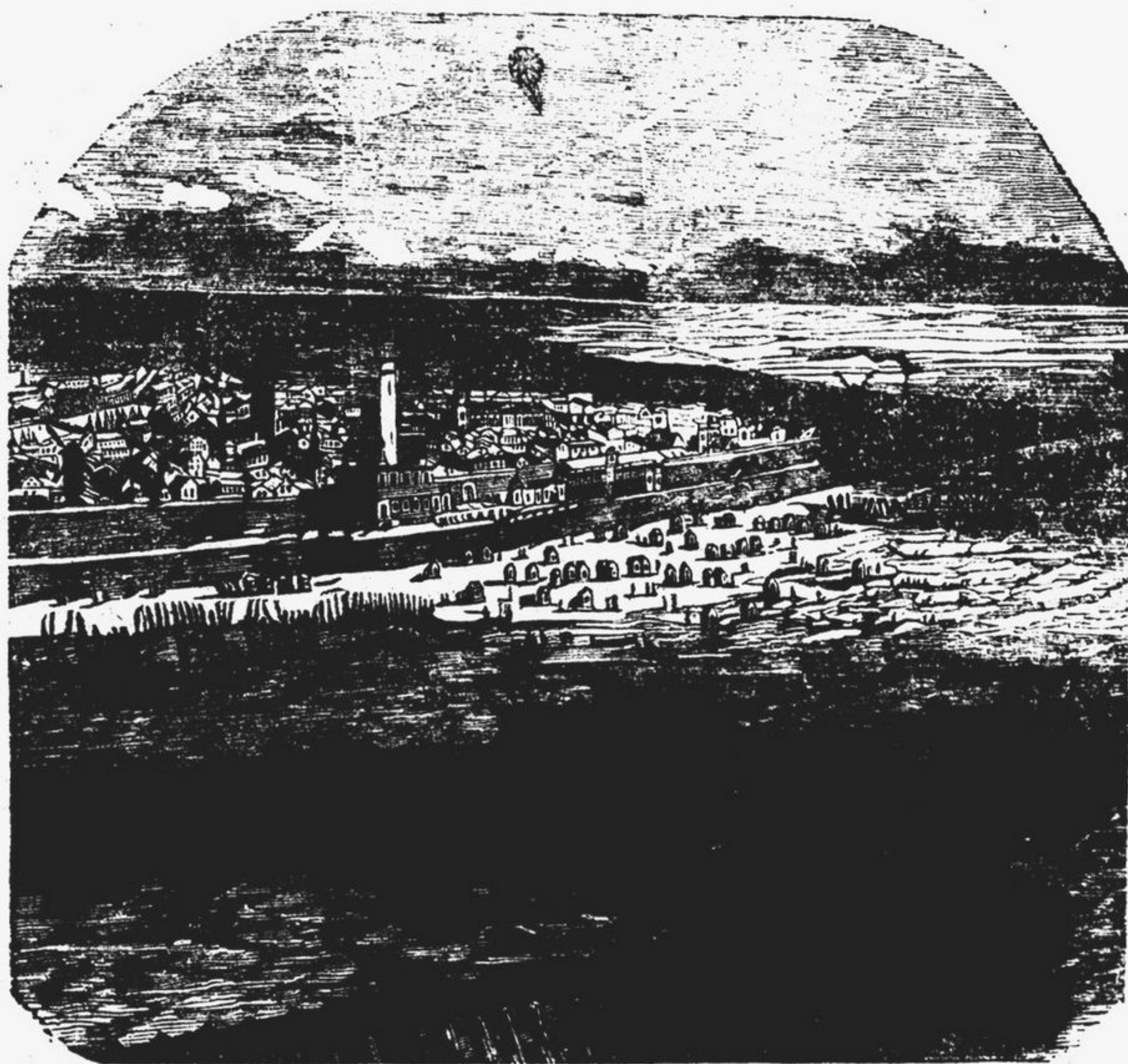




BELGICA — OSTENDE.

Ostende, no seculo IX era apenas uma aldeia; mas já no seculo XI começou de ser nomeado e buscado o seu porto. Em 1445 Filippe o bom mandou-o aprofundar e alargar, cingindo toda a povoação de muralhas. Comtudo Ostende só foi fortificada regularmente no anno de 1583 pelo principe de Orange, famoso caudilho dos holandezes sublevados. O sitio de tres annos que estes sustentaram, de 1601 a 1604, contra o archiduque Alberto, foi um dos mais memoraveis de que a historia faz menção; 72:000 sitiados ahi pereceram, e a perda dos hespanhoes foi ainda mais consideravel. N'este celeberrimo sitio dispararam-se cerca de 300:000 tiros de artilharia, cujo estrondo se ouvia em Londres. Quando capitulou, Ostende era litteralmente um montão de ruinas. Entregou-se a praça ao general Ambrosio Spinola, a 14 de setembro de 1604. Foi de novo tomada em 1706, e cedida em 1715 ao imperador de Allemanha Carlos VI, que lhe abriu uma nova era de prosperidade, creando uma companhia das Indias. Em 1734 a companhia foi dissolvida, e dez annos depois, após rigoroso sitio de dezoito dias, Luiz XV destruiu novamente a cidade. Retomaram-na os francezes, em 1794.

Situada na extremidade de uma planicie, Ostende é presentemente defendida por fortificações de ori-

gem não mui remota. A sua população não deve ser inferior a 12:000 habitantes.

A unica parte de Ostende edificada á moderna, sob um plano sufficientemente regular, e a que chamam *cidade nova*, é obra do imperador Joseph II, a quem esta praça maritima deve importantes melhoramentos, mórmente quanto ao porto.

Não ha em Ostende edificio que mereça a qualificação de monumento, a não ser os paços da municipalidade, fabrica magestosa, reparada em 1711 das ruinas que lhe havia causado o sitio de 1706. As muralhas, e, com especialidade, as que deitam para o lado do mar, formam o mais agradável passeio. Junto d'aquellas ha uma columna bastante alta, no cimo da qual se allumia um farol, para segurança dos navios que demandam o porto de noute. De dia fazem-se ali os signaes mediante uma bandeira. Fluctuando esta no alto da torre indica a enchente da maré: desfraldada de alguma das janellas mostra a preamar; e quando nem n'estas, nem n'aquelle apparecem as côres nacionaes mostra-se que é a hora da vasante.

O porto de Ostende, consideravelmente melhorado nos ultimos tempos, abrange uma superficie de 64:000 metros quadrados, e reúne todas as condi-

ções desejaveis em um ancoradouro de navios mercantes. Todavia o seu accesso não é de todo isento do perigo, e por occasião de grandes temporaes bem lastimosos naufragios tem logar na costa adjacente. Isto não obsta que o porto de Ostende seja frequentado por navios de todas as nações e portos, desde os pequenos barcos de cabotagem até os elegantes *clippers* de 500 e 600 toneladas.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

I.

Ainda ha bem pouco tempo que a pedra tumular encerrou as cinzas de João Baptista de Almeida Garrett. O tempo decorrido, se tem valido já para a sua memoria muitos seculos de posteridade, não pôde fazer que as letras patrias deixassem o lucto em que as envolveu a perda irreparavel d'aquelle genio fecundo e original. Opprime-nos uma grande dor, mas conforta-nos uma invejavel consolação. Perdemos o homem grande, mas tivemos a ventura de nascer na sua idade, e de admirar ainda vivo aquelle que a posteridade saudará pelos gloriosos monumentos que levantou a Portugal. É um orgulho generoso este que devemos sentir todos os que assistimos á esplendida alvorada d'aquelle genio, ao robustecer d'aquelle choupo gigante, ao quebrar d'aquelle vaso de eleição em que a Providencia se comprazeu de encerrar todas as graças da imaginação, e todas as formosuras do talento.

A posteridade terá para o admirar um livro, e uma pedra funeraria. Nós vimol-o passar rico de inspiração, radiante de gloria, e cercado em vida por esta aureola formosa que a inveja não pôde nunca de todo annuear. É saudoso o admirar já tombada no chão a arvore gigante, cuja folhagem assombrou os que lhe pousaram em redor. Mas quanto não é mais grato o contemplal-a em pé, agitando a rama viridente, florendo e sorrindo graças e primores, e entestando soberba com as nuvens de um céu meridional!

Assistimos quasi com o poeta á criação dos seus poemas mais sublimes. Entramos com o orador no forum publico quando já a resuscitar na tribuna popular a nobreza e a facilidade dos antigos oradores. Ha em nós o orgulho legitimo de que elle pertenceu á nossa propria geração. Podemos quasi reclamar para nós mesmos a gloria de seus tacitos collaboradores. Não ha nenhum de nós que não tivesse com o poeta illustre mais de uma nobre ligação e affinidade. A uns revelou na convivencia escolastica dos primeiros annos o genio que brincava ainda, exercitando-se, nos primeiros cantos de uma musa facil, e que insculpia descuidoso entre os censeiraes do Mondego a primeira letra da sua inscripção na lapida das grandes e raras intelligencias nacionaes. A outros prendia-o a confraternidade dos enthusiasmos politicos e do civismo juvenil na aurora da liberdade. Com estes uniam-no as recordações de uma trabalhada emigração, e o mesmo pão do exilio repartido em terras estrangeiras. Com aquelles haviam-no estreitado os laços da gloria commum nos tempos em que o poeta tomára á semelhança de Camões, em prol da sua patria, n'uma das mãos a lyra dos cantos nacionaes, e na outra a espingarda do voluntario; nos tempos em que um dos monarchas do talento descêra a arrolar-se, sob as bandeiras do im-

perador, ao lado dos mais humildes conscriptos da liberdade.

Quando uma idéa nova tem de ser diffundida pela Providencia n'um povo só ou por toda a humanidade, nasce um homem que a formúla na criação do genio, e que a propaga pela fascinação da palavra eloquente. Ha o que quer que seja de fatal e de despotico em todas as revoluções operadas pelo talento. Um homem só pelo influxo da idéa que representa, e pela magestade do genio que revela, impera sobre as multidões, e impõe-lhes a nobre servidão a uma idéa nova que as turbas congregadas nunca poderiam descobrir. E que esplendida, que formosa não é esta dominação pacifica das intelligencias superiores sobre o commum das demais intelligencias! Que jugo tão brando, e tão facil de acceitar! Que vigor de talento para conceber; que omnipotencia de palavra para convencer e generalisar. Um homem novo surge de repente no meio do seu paiz. A principio lampeja uns fulgores indecisos que já allumiam, sem deslumbrar. O luzeiro resplende mais vivo, e faísca centelhas que fascinam. Mais tarde é o sol, que se levanta quasi sem aurora, e que offusca nas ondas da sua luz purissima os talentos inferiores que apenas bruxuleavam na penumbra. Este homem chama-se Garrett. Diante d'elle as convenções poeticas retiram-se envergonhadas, e a arte verdadeira esvoaça em torno d'elle, affagando-o como o seu dilecto, e inspirando-o como o seu evangelizador. É elle quem inaugura para as letras portuguezas o seculo XIX, como quasi ao mesmo tempo este seculo nasce para o povo portuguez com o primeiro brado da revolução e da liberdade. As camenas pagãs é elle que as torna profanas sem as desautorar, erguendo sobre as aras da poesia restaurada a melancolia e a castidade da musa christã e nacional.

Não foi apenas um poeta que no meio das pompas funebres e das ceremonias mortuarias desceu ao tumulo. Foi uma epocha que se encerrou. Não foram as suas exequias as que a pompa mundanal flou e solemnisa n'um dia, para que no seguinte o pó da terra as venha embaciar. Com prestitos luzidos entrega a vaidade o feretro dos poderosos, e vem o esquecimento recebê-lo á orla do sepulchro. Incensos queimam-se aos opulentos, e a memoria d'elles apaga-se no derradeiro branquejar do fumo. Orações recita-as a voz da adulação, e refuta-as o silencio da posteridade. As lagrimas não preservam o nome dos obscuros, de que o ignorem para sempre os seculos vindouros. Nas exequias do poeta celebrava-se já a apothecose de uma litteratura que começava a pertencer á historia, quando o poeta morrendo principiava a viver para a posteridade e para a gloria.

II.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, visconde de Almeida Garrett, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1798. Foi filho de Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo cavalleiro da casa real, e sellador-mór da alfandega d'aquella cidade. A sua familia de origem irlandeza viera emigrada do seu paiz por motivos religiosos, e se estabeleceu em Hespanha, d'onde veio a Portugal no sequito da rainha D. Marianna d'Austria, mulher d'el-rei D. José. Levada depois aquella familia, não sabemos por que accidentes da fortuna, ás ilhas dos Açores, ali viu a luz o pae do poeta; e vindo Antonio Bernardo para o Porto casou ali com D. Anna Augusta de Almeida Leitão, filha de José Bento Leitão, honrado e

rico negociante e deputado da companhia dos vinhos do Alto-Douro.

Incitado pelo talento, que já como que se lhe sazou na idade pueril, e ajudado por uma esmerada educação, fructo dos carinhos e das sollicitudes paternas, o poeta insigne annunciava desde os primeiros annos o yigor de uma intelligencia excepcional e d'uma precoce imaginação, que haviam de assegurar-lhe mais ao diante um logar de honra no primeiro plano dos talentos nacionaes, e dal-o como rival a muitos dos mais predilectos das musas nas litteraturas estrangeiras.

A invasão franceza veio surprehender o poeta quasi ao soltar-se das faxas infantís, e ao aventurar os primeiros passos na educação domestica, que formava sem o-saber uma gloria de mais para o paiz, e um nome illustre para uma remota posteridade.

Singular circumstancia que aproxima os destinos de Camões, e os d'aquelle que mais de dous seculos depois lhe havia de cantar o nome e os infortunios, e glorificar, como o epico dos Lusíadas, os fastos e as grandezas de Portugal. A morte de Camões coincidiu, com poucos annos de differença, com o funeral da nacionalidade, vencida por Castella. O berço do sr. Garrett, quasi que foi embalado ao som dos canhões francezes, troando em Portugal para annunciar ao mundo o termo da independencia nacional, assoberbada e proscripta pela cobiça de Napoleão. Camões morreu com a monarchia; cantor de glorias immortaes, não lhe devia sobreviver, porque o seu estro ardente, bellicoso, e patriótico não se dobraria a entoar nas exequias de Portugal o epicedio das nossas glorias. O sr. Garrett nasceu n'uma quadra tormentosa e revolucionaria, assaltou-o logo ao sair do berço a invasão e a conquista, como aquelle, que estava predestinado a ser o poeta da revolução, e como quem deveria desde o primeiro alvorecer da vida acostumar-se ás saudades do lar domestico, e ás angustias da expatriação.

A tomada do Porto pelos francezes em 1809, obrigou a familia do sr. Garrett a buscar em Lisboa, e logo depois na ilha Terceira, um asylo mais seguro contra a insolencia das aguias imperiaes.

Chegado aos Açores, o sr. Garrett, bem depressa ali achou um homem cheio de virtudes e de talentos, que lhe dirigisse e aperfeiçoasse a educação litteraria, e que lhe servisse como de guia nos severos estudos em que o futuro poeta ia familiarisar a sua imaginação com os mais selectos modelos litterarios da antiguidade classica. Era aquelle homem o bispo resignatario de Malaca, D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, tio paterno do poeta.

Verificou-se no visconde de Almeida Garrett uma excepção feliz á lei, que parece presidir aos primeiros annos dos homens notaveis pela intelligencia e pelo saber.

De muitos homens que a humanidade inteira reverenceia hoje como titulos de gloria universal, se conta, que foram nos annos infantís mais propensos ás travessuras da puericia do que por affeição inclinados á cultura da intelligencia. Quasi sempre aos grandes poetas, por lhe encarecer as maravilhas do engenho, se compraz a fama posthuma em lhes descrever os primeiros annos da existencia perdidos para a instrucção e para a gloria. De Byron se sabe que era nos tempos da sua infancia rebelde ás severidades dos pedagogos. Parece que a estes grandes espiritos, que a Providencia affeioou como vasos de eleição para que viessem depois a conter e a espirar de si os mais finos perfumes da inspiração poetica, os

deixa a natureza como que em pousio muitos annos, quasi que para se desforrarem de antemão na ociosidade e na indolencia, das amarguras e das penas, que formam sempre o cortejo de todas as imaginações ardentes, e por assim dizer sobrenaturaes. Chega o prazo marcado pela Providencia, e no terrão que parecia arido e maninho, passa benefico o bafejo do estro, e onde ninguem suspeitava ás vezes nem um homem apto para o trafego da vida commum, surge de repente mais que um homem, porque se alevanta um poeta, e mais do que um poeta, porque nasce uma litteratura inteira.

O respeitavel prelado conheceu em seu sobrinho a affeição natural aos bons estudos, e desde então, por seus conselhos e esclarecida direcção, lhe facilitou a convivencia das musas antigas e modernas, por modo que o joven alumno em pouco tempo veio a dispor de seguro e amplo cabedal de letras classicas, sem as quaes é quasi impossivel que um poeta, por superior que seja o seu talento, alcance jámais as qualidades que distinguem o verdadeiro engenho do incorrecto improvisador de lóas ou do inculto fazedor de fugitivas trovas e cantares.

Assim no remanso domestico chegon o sr. Garrett ao despontar da adolescencia, decorrendo-lhe os annos, não entre os brincos e folguedos infantís, senão em grave conversação e frequencia com as musas gregas e romanas, e com os mais auctorizados escriptores das modernas litteraturas, como de quem, já amadurecido o talento na aurora da existencia, se preparava d'antemão para inscrever um nome justamente glorioso a par dos nomes tão populares de Gil Vicente e de Camões.

Veiu por aquelles tempos a vagar a mitra de Angra, e foi com ella condecorado D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia. Agora se abria com esta promoção do tio, uma carreira honrosa e lucrativa para o sr. Garrett. Era natural, que o bispo, ligado á Igreja pela ordem religiosa em que primeiro militára, e pelo episcopado a que subiu depois, desejasse aproveitar para o serviço da religião o talento superior, que já então, de certo, se manifestava claramente no futuro cantor de *D. Branca*. Levado pela piedosa ambição de que se não perdesse nas mundanidades do seculo uma intelligencia tão privilegiada, alcançou o bispo para o sobrinho, um dos beneficios da ordem de Christo. Tomou o poeta ordens menores, e dispoz-se tudo para que viesse depois, professando n'aquella religiosa milicia, a seguir o estado ecclesiastico, para que entretanto não tipha decidida vocação. Chegando, porém, o anno de 1816, e entrando o poeta a frequentar o curso juridico da universidade de Coimbra, renunciou o beneficio, provavelmente com grande sentimento do velho prelado, que esperava a essas horas fazel-o um dia figurar entre os mais sublis decretalistas do seu seculo.

Applicado ao estudo do direito na faculdade de leis, o talento do sr. Garrett não se desmentiu nas provas academicas.

Não foi o sr. Garrett um d'estes alumnos que na sobranceira da sua indole, assoprados pela immo destia dos talentos mediocres, tem por desaire á poesia o cultivo das sciencias e o estudo da severa erudição. Assim como o bom Ferreira havia dito ao cardinal infante D. Henrique:

Não fazem damno as musas aos doutores,
Antes ajuda a suas letras dão
E com ellas merecem mais favores
Que em tudo cabem, para tudo são.

O sr. Garrett entendeu, que não fazia damno a austeridade e seccura dos doutores á amenidade das camenas. Entendeu, ao revéz do que hoje é dogma entre versejadores ruins, que a sciencia não mata a inspiração, e que o poeta sem deslustrar a sua prosapia e gerarchia, e sem profanar a sacerdocio do Parnaso, podia e devia temperar os vãos da imaginação pelos raciocinios da sciencia. Hoje é quasi timbre de vates o ignorar a cartilha da instrução elemental, e desprezar com um sobreceño ridiculo os poetas da idade aurea das letras antigas. De modo que nem os que assim pensam, ser poetas, ficam sendo poetas, senão que nem vêem nunca a ser cidadãos prestantes e uteis á republica nos seus mais humildes exercicios e misteres.

O sr. Garrett cursou com exemplar assiduidade e applicação o primeiro anno juridico, e fazendo acto e não sendo premiado como esperava, ficou em tanta maneira despeitado da injustiça contra elle commettida, que no anno seguinte, para provar a quanto alcançava a sua poderosa intelligencia, e para se desforrar do agravo recebido, se foi matricular no primeiro anno do curso mathematico e philosophico. Os estudos eram ali, sem duvida, mais graves e demandavam talento mais seguro. As concepções e os raciocinios rigorosos da geometria e da analyse algebrica exigiam um espirito mais atilado e mais profundo do que as subtilezas, mais de convenção e de artificio, da jurisprudencia dos romanos. Apesar do firme intento em que o sr. Garrett persistia de abandonar a faculdade juridica, as intimações e os conselhos paternos o fizeram revogar a sua primeira resolução, voltando a cursar leis no segundo anno d'aquella faculdade.

Ao passo que o raciocinio se patenteava arguto e vigoroso, e a comprehensão rapida e segura para as aridas questões da jurisprudencia, a phantasia do poeta começava de florescer, com os applausos dos seus companheiros academicos, os primores e formosuras, que a modestia, propria do genio no seu desabrochar, havia até então no seio da familia recatado á curiosidade dos estranhos.

Como succedeu a Antonio Ferreira, a Camões, a Sá de Miranda e a Bernardes, as musas perfilharam solemnemente o raro engenho do sr. Garrett entre os salgueiros do Mondego. Coimbra deve antes a sua principal reputação a haver sido quasi sempre a segunda patria dos poetas portuguezes, do que a ter sido por muitos seculos a metropole e o emporio das sciencias em Portugal. Parece que os talentos poeticos hão mister de receberem no Mondego a investidura da inspiração. É como se fôra ali o Permeoso de Portugal, e como se as musas nacionaes se deliciassem em vaguear melancolicas na amenidade d'aquelles sitios, elegendo para sua Castalia a saudosissima fonte dos amores.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

A lua do mel. — A polygamia. — A gravidez, e Valerio. — Mr Pimping, e Kadé. — Bolama, e um documento furtado pelos inglezes. — O cynismo d'um methodista. — Consequencias de uma seducção. — O primeiro elo da cadeia dos crimes.

Ha quantos annos chegaste aqui para negociar por conta de mr. Soulthebuyer? quantas excursões fizeste aos bijagós por ordem de lord Rend-all?

quantas mil piastras gastaste, antes de me conheceres, para obter aquelle papelinho, que eu te arranjei em poucos dias pela bagatella de cem patacas, que dei de tua conta ao S... d'esta praça?

— Isso é verdade. Se não fosses tu, está-me parecendo que nunca elle me viria ás mãos. (1) A esta hora está elle tendo a honra de achar-se em poder do principal secretario d'estado do nosso *most gracious sovereign*...

God save the king, ajuntou com uma expressão hypocrita, curvando a cabeça e cruzando as mãos sobre o peito. Depois apertou nas suas brancas e esguias mãos as cobreadas e callosas de Valerio, sacudindo-as tres vezes; em quanto este sem corresponder a esta pressão amigavel contrahia os musculos do rosto d'um certo modo, que parecia dizer: A mim não me embaças tu.

É da propria Kadé, que sei todas estas particularidades. Acabando a sua conversação com as pretas, introduziu-se no quarto de dormir de Pimping, d'onde via tudo, por a fresta das duas meias portas, e ouvia perfeitamente o que se estava dizendo, porque apenas a separava da sala um tabique a meia altura da parede, conforme o modo de construcção n'estes climas tão calidos.

Ella desconfiava de Valerio, e quiz certificar-se do que havia.

Este foi á porta da entrada, viu que no pateo estava tudo nos seus postos, seguiu á do quarto de cama que puxou para si, depois de lançar uma olhadelha para dentro para ver se lá estava alguem; e aproximando-se de Pimping, disse-lhe a meia voz:

Tens na tua mão a doação de Bolama, que vocês tem tanto empenho em chamar-lhe sua, e com ella perderam os portuguezes, que odeio de morte, a possibilidade de a conservarem. Agora é provavel que a Inglaterra tomará melhor as suas medidas para não se renovarem os desastres que ha 16 annos tingiram no sangue inglez, derramado ás mãos dos selvagens, a bandeira de S. Jorge. (2) Ambos conseguimos o que desejavamos, mas eu ainda não estou contente, ainda quero mais, e muito mais... E tu que sabes que o meu odio não póde cevar-se em quanto estiver á sombra d'esta bandeira branca das quinas; que não desprezo meio nenhum que me possa conduzir á satisfação dos meus desejos, devias conhecer que sei

(1) Ainda em 1844 passava por certo em Bissau que da secretaria do governo d'aquella praça tinha sido roubado por peitas e intrigas inglezas o titulo original da doação da ilha de Bolama, feita aos portuguezes pelo rei de Guinal-a, em 1601.

Ao mandar este artigo para a imprensa, devo acrescentar a nota acima, que fui informado por pessoa de muito credito, que este documento original apparecera (em 1852), e que tinha sido mandado para Lisboa. Ignoro o que ha n'isto de verdade. Será o pretendido furto uma fabula? Comprariam os inglezes uma cópia, quando cuidavam pagar um autographo? Seria traição a traidor? Não estou habilitado a responder.

(2) Uma associação ingleza, protegida por baixo de mão pelo governo da Inglaterra, a nossa mais antiga e fiel alliada, mandou em 1792 occupar a ilha de Bolama (sendo o coronel Finellay governador da possessão ingleza de Gambia, que obteve do mesmo modo), que lhe fazia muita conta por causa das optimas madeiras de construcção etc., de que ali ha muitos e extensos bosques. Os naturaes porém esperaram a occasião das aguas, e quando viram os casacas vermelhas bem prostrados com as febres, fizeram n'elles uma mortandade horrorosa; depois do que mandaram canoas a Bissau convidar o governador para vir tornar a tomar conta da ilha em nome da rainha de Portugal, e guardal-a melhor para o futuro. A recommendação foi perdida, mas não me queixo d'elle, nem do governador de Cabo Verde. Não seria depois d'este facto, e da inutilidade das reclamações de Finellay, que os inglezes procurassem furtar o documento para assim justificarem a prioridade de posse e occupação que allegam, o o direito de cossão feita por um rei preto estranho?

empregar os meios na medida necessaria ao meu fim, mas sómente os que me podem conduzir a elle.

— Já confessei o que devia á tua habilidade, e nem por pensamentos quero pô-la em duvida.

— Sim, mas acabas de chamar-me tonto. Ora pois, não te esqueças de que sei querer o que quero. Os portuguezes são os tyrannos da minha patria; escravizaram-nos, opprimem-nos, desprezam-nos... hei de vingar-me! Por fortuna minha, não é preciso empregar grandes esforços: ainda que são muito preverosos, também são muito ineptos, e espero antes de morrer vel-os fóra d'aquellas muralhas, d'onde com a sua artilharia nos põe o pé no pescoço a todos...

— *Very well, very well*, meu bravo. Conta que te não ha de faltar polvora e bala, dinheiro e espingardas.

— Então que esperaes? porque não vem isso que ha tanto tempo nos promettes? Era melhor mais obras e menos fanfarronadas. De lingua comprida e mãos curtas estou já farto. Se os taes ingrezes fossem gente...

— Mas não são, e por isso esperas que expulsos os portuguezes, não te custará muito ver-te livre de nós. Estás enganado, meu amiguinho, a cousa comnosco ha de ser mais seria, porque a Grã-Bretanha tem muita força...

— E os inglezes muito amor á aguardente. Bem sabes que todos estes pretos odeiam os teus compatriotas, e que não é para os terem por senhores que poderão tomar armas contra os portuguezes. Nós bem vemos o que fazeis em Gambia e Serra-Leóa. Não temos navios, as nossas canoas são pequenas, faltam-nos as companhias de soldados; mas temos exercitos de carneiradas; não temos canhões, nem espingardas; mas temos hervas e azagaias. Parece-me que em summa as forças estão bem equilibradas. Que achas?

— O que acho é que não devemos estar a renhir, pois somos e devemos ser amigos. Podes ter a certeza de que assim que o còrso for expulso de França, e com elle acabar o nefando systema continental, na primeira aberta que tivermos, havemos de tomar Bolama aos teus inimigos, que não sabem tirar proveito das riquezas que possuem; e se teu plano estiver maduro, havemos também d'expulsal-os d'aqui.

— Porque o não fazeis já? que tem lá isso de còrso, e de systema continental com Bolama, e Bissau?

— Não entendes nada de politica, e não posso estar aqui a explicar-to. Fallemos n'outra cousa. Vemha outra vez Ondotó á balha.

— Pois venha; e n'esse caso, onde está a tua espartezza que ainda não podes contar com elle?

— Não posso! Está quasi, quasi agarradinho...

— Para as caçadas, não duvida; para o mais, *nicles*. Já to disse, e digo-lo outra vez; este Ondotó é meio papel e meio christão, nem que lhe dês tudo o que tens nos teus armazens não consegues d'elle nada: mas deixa-me cá, e prometto-te que ha de ser teu, como diziam d'antes os frades capuchos que é do diabo a alma que caiu no peccado.

Ao terminar este dialogo não pude conter-me que não dissesse: O africano e o europeu eram dignos um do outro, e ambos mereciam um lugar distincto entre os heroes das commoções que tem agitado a Europa. Estou curioso de saber quem era este mr. Pimping, e porque veio para Bissau. O que sabe d'elle?

— Bem pouco, que não cheguei a conhecê-lo; mas contar-lhe-hei o que se dizia d'elle quando aqui cheguei.

Chegaram aos ouvidos do governador algumas vo-

zes desfavoraveis a Pimping, que foi chamado á praça á presença do governador, e houve entre elles uma conversação pouco mais ou menos assim:

Governador. Quem é o senhor?

Pimping. Um inglez, e christão methodista. Tive a ventura de ouvir a *verdadeira doutrina evangelica* da bôca dos apóstolos do Senhor Wesley e Whittfield, (1) quando ainda trabalhavam unidos a bem da *regeneração universal*. Recebi por as mãos d'elles o *espírito de Deus* entre accessos epilepticos, e no meio de dores cruelissimas, que foram o meu purgatorio. Conheci felizmente que as boas obras, essa invenção do papismo, que estraga e agua os prazeres e a vida do homem, são inspiradas por Satanaz para nos levar ao peccado. Agora tenho a certeza de que já não entra em mim o peccado, e que posso fazer o que quizer, porque Deus predestinou-me para o céu.

Gov. Doutrina commoda para os que a seguem, mas tão immoral, como perniciosa. O principe regente nosso senhor não a consente nos seus estados, e eu por minha parte ver-me-hei na necessidade de observar muito o sr., porque d'essas doutrinas a ser um grande malvado só falta a occasião e a utilidade do crime.

Pimp. Nada, não. Isso não passa de argumentos papistas, que a intolerancia dos frades tem mettido na cabeça dos portuguezes e hespanhoes, e que a inquisição faz acreditar por meio das fogueiras. (2) Todos os meus pensamentos, agora que estou regenerado, são santos, e por tanto santas serão as acções que elles dirigirem.

Gov. Não sei então porque o sr. veio para uma terra onde ha frades e inquisição, podendo ficar na Inglaterra onde não ha nada d'isso. Porque deixou o seu paiz? que motivo o forçou a sair de Gambia?

Pimp. Não ha fanatismo na Inglaterra! Isso é o que v. s.^a diz, mas não é assim. Aqui estou eu que fugi de lá por causa dos tratamentos horriveis que soffria das igrejas não-conformistas, e das perseguições dos agentes do governo. Eu não podia prégar a nossa doutrina santa sem que tivesse de soffrer um diluvio de cacos, ossos de animaes, immundicies, e quanto podia chegar ás mãos dos malvados, que nos perseguiam de terra em terra; acompanhando as suas acções brutaes com um ruido infernal de gru-

(1) Estes dous ministros da igreja anglicana crearam esta seita em 1729, quando ainda frequentavam a universidade de Oxford, para condemnarem os vicios de seus collegas, no ministerio da mesma igreja, e limparem-na dos absurdos e contradicções que notavam entre suas doutrinas em these, e suas doutrinas applicadas. Desde que as boas obras são inuteis para a salvação, recommendal-as é um absurdo, e uma limitação aos direitos da humanidade; é o que veio dizer Whittfield contra Wesley e o anglicanismo, mostrando que se eram inuteis as boas obras é porque havia uma predestinação, tanto para o bem como para o mal, que as obras boas pretendiam contrariar; eram a tentativa de revolta contra Deus, e por tanto outros tantos peccados: Wesley ficou na doutrina da inefficacia e inutilidade das boas obras, como no principio da seita creada entre ambos, quando só pretendiam reformar o clero anglicano, e regenerar o mundo. Estes fanaticos regeneram-se fazendo cabriolas e tregeitos, e dando uivos e gritos, como os epilepticos.

(2) Quando leio as furiosas declamações de certos catholicos contra a inquisição de Hespanha e Portugal, e a enumeração das fogueiras que accendeu, e das victimas que fez; e comparo isso com o silencio prudente que guardam sobre as inquisições dos herejes e protestantes, das fogueiras que accenderam, e das victimas que fizeram; lembro-me perguntar a mim mesmo, que nome se deve dar ao filho que vitupera sua mãe por defeitos, que não quer ver nos estranhos? Accrescendo que as inquisições protestantes e hereticas eram ecclesiasticas, e armas de ataque; e as de Hespanha e Portugal seculares, e armas de defeza: aquellas, queimavam os que não queriam mudar de religião; e estas, os que tinham mudado, e faziam proselytos para revolucionar os estados. A lealdade de taes escriptores, e o seu catholicismo é bem problematico!

nhidos para abafarem a nossa voz, se ousavamos querer fazer frente á tempestade. Como nos negavam a protecção, e não precisava de ser martyr para salvar-me, decidi-me a ir para Gambia, cuidando que teria mais liberdade para prégar a minha religião: mas qual?!

No domingo seguinte ao da minha chegada, fui ao templo e préguei sobre o evangelho do dia, que era o das bemaventuranças; mas apenas tinha acabado recebi mesmo nas escadas do pulpito ordem para me apresentar ao sr. governador. Apenas s. ex.^a me viu, começou a injuriar a minha doutrina, chamando-lhe *infernal*, e gritando muito que não consentiria nunca, em quanto fosse governador, que eu prégasse tão escandalosa novidade, porque tinha obrigação de defender a supremacia ecclesiastica de sua magestade; e que sómente me deixaria, se eu tinha licença de s. ex.^a o secretario d'estado para as colonias.

Debalde lhe representei mui respeitosa e graciosamente que eu não atacava a supremacia de sua muito graciosa magestade prégando o evangelho *como eu o entendia*; a nada o bruto se moveu. Se quer prégar, me disse elle, ha de ser cousa que n'esta colonia estejamos acostumados a ouvir. Ou essa doutrina methodista leva o povo inglez ao céu, ou não; no primeiro caso, já elle tem cinco estradas que conduzem para lá: conte bem, a do reverendo Butter, a do doutor Hog, a do ministro Pettifogger, do deutor Meddler, e a da igreja estabelecida pela lei; parece-me que são cinco, e já não fallo de uns poucos de fanaticos papistas que se reúnem na capella do sr. Holyman, sobre os quaes faço a vista grossa, porque são os melhores subditos que tem sua magestade: se não leva ao céu a sua religião, então nem quero mais ouvir fallar n'ella: ou é inutil, ou perniciosa, sr. Pimping. Se quer prégar, seja o que ensina qualquer d'estas, do contrario póde voltar pelo mesmo caminho por onde veio. E eu, vendo isto, tomei a resolução de aggregar-me á igreja de Pettifogger, em quanto se me não proporcionava occasião de fugir a esta perseguição brutal.

Gov. Mas isso é uma indecencia. O que vós fizestes foi uma verdadeira velhacada; transigistes com a vossa consciencia, prégando uma doutrina em que não acreditaveis.

Pimp. Isso não é tanto assim. O que dizia o governador de Gambia não deixava de ser exacto até certo ponto. Eu tanto me salvo prégando a minha religião, como prégando qualquer outra: todas as religiões levam ao céu, posto que por caminhos diferentes.

Gov. Não posso convir n'isso, porque a verdade é uma só, e ella não póde estar ao mesmo tempo entre os que dizem sim, os que dizem não, e os que dizem talvez.

Pimp. A verdade é uma só, tambem só uma religião é a verdadeira; mas qual é? eu por mim entendo que é a mais tangivel, a mais lucrativa.

O governador cortou o fio á conversação, admirado do cinismo do tal methodista, que despediu com bastante seccura.

Este facto que o proprio interessado não se cansava de contar, mostra bem claramente o que era Pimping. Agora parece-me que poderei continuar a minha historia.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

DIGNIDADE DAS FUNÇÕES DO PROFESSOR PRIMARIO.

Celui-là qui est maître de l'éducation, peut changer la face du monde.

LEIBNITZ.

Lembrou-se alguém de derivar a palavra mestre, em latim *magister*, d'estas duas: *magis*—ter; *maîtres* *rexes*. Só por si este achado salvaria os credits das etymologias e dos etymologistas, perante este modo de ver com que na actualidade se encara tudo progressivamente. A etymologia, com tal derivação, mostrou que tambem sabe olhar para traz e para diante ao mesmo tempo. *Respicit et prospicit*, como o Jano dos pagãos.

E assim é; por quanto, mais que os outros tres vezes deve ser aquelle que se enobrece com o titulo de mestre. As considerações todas que sobre a dignidade do magisterio se possam fazer, resumem-se n'esta trilogia de superioridade.

Mais que os outros em robustez, saude e conhecimento dos meios de conserval-a. Dá-o a temperança, dá-o o contentamento, dão-no os bons costumes, assim como da saude nasce o contentamento que muito concorre para manter a pureza dos costumes. *Mens sana in corpore sano*.

Mais que os outros em saber. Adquire-se pelo estudo aprimorado (no mestre deve haver mesmo luxo de estudo) das materias que tiver de ensinar, e pelo conhecimento de muitas outras que tem analogia com as que professa.

Mais que os outros em moralidade. O estudo, a applicação, e um regimen de todo o ponto hygienico, ajudarão a perpetuar-lhe os bons sentimentos, e desenvolver-lhe, cada vez mais, os germens moraes, que a Providencia lhe tiver a elle, como a todos os homens, depositado no coração.

Com a primeira superioridade sobrelevará na educação physica.

Com a segunda, na intellectual.

Com a terceira, na moral.

Uma quarta superioridade tem de coroar as mais com que o mestre se distingue já. É a de ser mestre de si mesmo, quero dizer, superior, quanto humanamente possível, ás proprias fraquezas, superior a pensamentos reprehensiveis, superior a omissões imperdoaveis.

O mestre que souber dominar-se a si mesmo, dominará pelo exemplo, e dominará pela palavra.

O dominio que tem de exercer, é o do coração, para tornar multiplicativa e fecunda a propria moralidade. É o dominio do espirito para dar auctoridade ás boas doutrinas que mandar aos espiritos, cuja cultura lhe for confiada, e para depois os dirigir pelas vias da sã dialéctica e do raciocinio. Este dominio, sobremaneira suave, mas nem por isso menos poderoso, é tambem o dominio dos sentidos; é o bom exemplo; é a demonstração permanente que a sua existencia deve estar dando, do quanto influe para a felicidade e para os gosos íntimos, a conservação das forças physicas, a moderação que exclue e proscree excessos, e a alegria resultante de todo este complexo de harmonias individuaes.

E o pensamento do mestre se revelará nas suas palavras; as suas palavras retratarão fielmente o interior do seu coração; todo elle será, não o desmentimento, mas a traducção viva de quanto disser; e o que elle disser, será evangelho religioso e social, como o evangelho quer, e como a sociedade precisa que effectivamente seja.

«Depois do pensamento e da palavra de Deus, nada é maior que o pensamento e a palavra do homem!» disse em nossos dias um espirito altamente illustrado. (1) A mais nobre manifestação do pensamento e da palavra do homem, dizemos nós, está cifrada no verdadeiro instituidor primario.

Portanto, não bastam os conhecimentos que se chamam instrumentaes, como são os da grammatica, da arithmetica, dos processos didacticos, etc., para qualquer homem se chamar mestre.

Não; o homem em quem a sociedade depositou tantas prerogativas, não é, nem tem direito de ser um homem vulgar. O homem a quem uma familia confia as suas esperanças, o seu esteio futuro, o herdeiro das suas virtudes, do seu bom nome e da sua benção, não poderia ser, nem teria direito de ser um homem commum.

O seu ministerio é moral; missão de grave responsabilidade, o seu encargo; exerce uma função social, e o estado considera-o como um empregado civil, de quem espera cooperação efficaz no negocio dos negocios, qual é o de encaminhar o povo para a felicidade.

Bem longe de pretendemos rebaixar as profissões mechanicas, entendemos que ha grande injustiça quando se não conceituam, com a consideração que merecem, a resignação, a laboriosidade, o esforço e a virtude mesmo que ellas demandam na sua pratica e exercicio; mas a profissão do magisterio, meio termo entre o sacerdocio e a magistratura, deve representar pelo trabalho as honradas fadigas do operario; pela sciencia e pela vocação, o primeiro elemento civilizador d'este seculo.

É a escola como o portico do templo, observou judiciosamente um dos mais distinctos pedagogos contemporaneos; e com razão o disse; por quanto o professor primario predispõe e prepara a infancia para a educação religiosa. A esphera da sua missão, não se circumscreve aos limites do lar domestico; ao mesmo tempo, sacerdote e pae de familias, o instituidor no seu ministerio providencial é a synthese d'aquellas duas auctoridades, em que se concentram as relações da familia, e dos povos.

A abnegação, o desinteresse, o sacrificio mesmo que é mister fazer-se da vida inteira, para preencher condignamente este sacerdocio da civilização, estão dando o mais claro testemunho do quanto aquelle desempenho se basêa na virtude. Mas as compensações? e o que ha n'este mundo que não as tenha? qual é a dór para que a Providencia não compuzesse um balsamo? qual é a tristeza para que a celestial solicitude não guardasse uma consolação?

Modesto nas fallas, singelo no trajar; adorado pelos vizinhos, destemido para as maledicencias, galvanizado para as invejas, robusto nas forças; nos contentamentos ainda tão moço, como na primavera da vida; na perseverança tão forte como nos dias de mais vigor; com a bôca cheia de riso, e o coração perfumado de esperança, não vèdes um ancião, a quem todos cedem o lugar nas festas da aldeia, a quem todas amam como ao pae de uma grande familia, a quem as criancinhas se achegam como para as caricias maternas?

É o mestre primario. Duas gerações se desentrambam em reconhecimento á bondade com que lhes alumiou as escuridões da intelligencia. Juram nas suas palavras; e a sua palavra revive e florece, e fructifica tambem nas boas obras que fez produzir.

Longe do tumultuar d'essa atmospheria de trovoadas, onde se agitam os grandes interesses, e se preparam as grandes ruinas, onde se jogam as reputações, em quanto a modestia se definha obscura e desprezada, elle, o desconhecido depositario dos futuros destinos da patria, vive feliz no asylo que a sua boa estrella lhe deparou.

Toda a existencia d'aquelle espirito evangelizador foi um tecido de beneficios; tudo para elle, foram outras tantas occasiões de aperfeiçoar-se. Ter de ensinar, era-lhe estimulo para mais estudo; da applicação constante, lhe provinham novas forças, e valor para o cumprimento dos deveres; da obrigação invariavel de torpar melhores os filhos da sua adopção, lhe nasciam cada vez mais generosas tendencias para a perfeição e para a virtude.

E depois, como se lhe apresentava o genero humano? Na sua phase mais angelica; na quadra da innocencia; e do regaço da pobreza, que tambem é outra innocencia, recebia elle essas almas candidas afim de lhas dotar e enriquecer. Constituido protector de tanta fragilidade, oraculo de tanta ignorancia ingenua, prevenia de longe muito precipicio, disseminava muita moralidade, soccorria muita penuria, aplanava muita aridez no stadio d'aquellas existencias, que fortalecia com a luz e calor do ensino, apenas entradas na aurora da vida.

A dignidade das suas funções, mede-se pela profundidade da sua responsabilidade. O merecimento dos serviços não se peza pelos salarios; pelo contrario, está em razão directa do desinteresse. A publica estimação é moeda que se não concede arbitrariamente. A opinião publica é sempre justa; e que maior prova de estima, para o professor, do que a confiança que geralmente se lhe tributa?

Mr. De Gerando, (1) querendo tornar bem sensiveis os testemunhos de estimação que um grande numero de amigos da humanidade tem dado aos esforços do magisterio, exprime-se em termos taes, que seria imperdoavel alterar uma só das suas phrases, ou modificar de qualquer maneira a sua convicção.

«Todos os espiritos verdadeiramente humanitarios, diz elle, tem mostrado que consideram o magisterio como um dos meios mais poderosos de fazer bem aos homens. Desde o seculo passado, na Allemanha, foi o respeitavel conego de Rochow, o conde de Bucqoy, dotando a Saxonia e a Bohemia de generosas instituições para a educação primaria; foi o illustre Campe, que ao mesmo tempo trabalhava para a infancia e para os instituidores; foram os Zerrenner, os Willmser, e tantos mais, publicando tratados, instrucções e manuaes para os mestres de escolas elementares; foi o veneravel cura Demeter, criando um methodo para o ensino, e dando regras para a disciplina escolar; foi o zeloso Dinter, que de instituidor primario que era, se tornou, pelo plano de melhoramentos que fez para as escolas ruraes, o guia dos seus collegas. Foram na Inglaterra os doutores Bell e Lancaster, rivalisando em zêlo, para simplificar os processos do ensino, e tornarem a sua influencia benefica muito mais extensiva. Na Suissa, foi o excellente Pestalozzi, que dedicou a vida inteira ao nobre empenho de melhorar a educação em todas as classes, desde as primeiras instrucções ministradas pela mãe, até a essa que serve de introdução ás sciencias, e dá o maior desenvolvimento á intelligencia para os ulteriores exercicios e applicações; foi mr. de Fellemburge, esse amigo tão sincero da humanidade,

(1) Discurso de mr. Dupanloup, bispo de Orléans, recitado o anno passado na sua admissão na academia franceza.

(1) Cours normal des instituteurs primaires.

que erigiu no meio dos vastos estabelecimentos de Hofwil uma escola normal para os instituidores primarios, e uma escola rural, para os filhos dos camponeses, cuja direcção tão acertadamente lhe imprimiu. Em França, foi, no fim do seculo XVIII, o respeitavel conego Lasalle que estabeleceu um instituto especial para a direcção das escolas primarias, que creou o methodo simultaneo, e que pelo espaço de vinte annos luctou contra todas as difficuldades e obstaculos, para fazer triumphar a santa causa da instrucção elementar. Em nossos dias, é o abbade Gaultier, essa boa alma, que passou toda a vida entre crianças, concentrando n'ellas tudo o que n'ella havia de affectuoso, sempre a ensinar, não se cansando, nem descansando nunca, voltando-se de todo o coração á amizade que consagrava aos professores, alumando-os com o conselho, e exhortando-os com a propria benevolencia. É Liancourt, de saudosa memoria, cujo espirito comprehendia na sua vastidão e solicitude, todos os interesses da humanidade, as precisões do pobre, os padecimentos do enfermo, a consolação dos encarcerados, a propagação da vaccina, e o desenvolvimento da educação industrial, fundando a expensas proprias verdadeiras escolas-modelos, e que, onde quer que se trate de promover os progressos d'estas instituições no solo francez, se encontrará sempre a tomar a parte mais decidida n'esses esforços. São os homens mais eminentes nas sciencias, que pelos seus escriptos e diligencias, prepararam e favorecem taes progressos; são aquellas numerosas, e bemditas associações de bons cidadãos, que na Hollanda, na Inglaterra, na Escocia, na Irlanda, em todos os cantões da Suissa, em Florença e nos Estados-Unidos da America se tem formado para a diffusão das luzes, para a multiplicação dos incentivos do magisterio. Que suffragios! Que testemunhos, tributados á importancia de tão nobre missão!

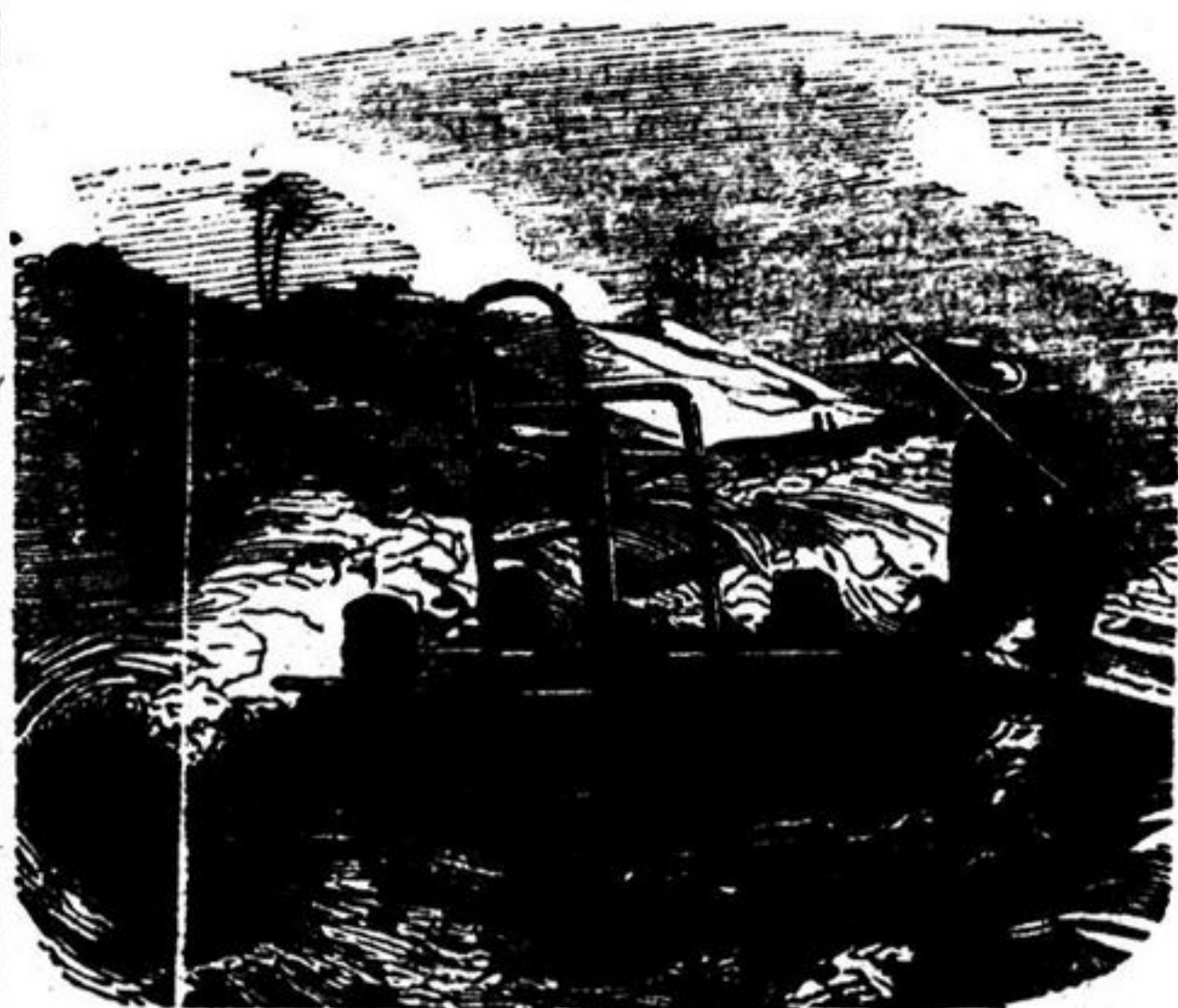
Na peninsula espiritos dos mais illustrados, e corações da mais acrysolada philantropia se tem dedicado generosamente a resolver as questões do ensino primario; a transformar em flores e suavidade, muitas difficuldades e espinhos que as antigas praças do ensino apresentavam.

Mas, se é grato para o homem que abraçou esta vocação, saber que se acham ligados ao ministerio do ensino, nomes d'aquelles com que mais se ennobrecem os fastos litterarios de cada nação; se é gloriosa a aristocracia do magisterio primario; se para contentar ambições louvaveis, e excitar novos brios é efficaz a consideração do apreço em que os grandes homens tiveram em todo o tempo as lides do ensino elementar; ainda, acima de todas essas razões, que depõem pela dignidade do magisterio, está, segundo cremos, uma que a todas as outras corrobora, e que por si só persuadiria, sem o auxilio de alheios exemplos: é a satisfação da consciencia, que jámais desampara aquelle que sacrificou a sua propria individualidade ao mais sagrado de todos os interesses sociaes, á educação publica.

LUIZ FILIPPE LEITE.

COMO SE CASTIGAVAM OS MALDIZENTES NA POLONIA.

Antigamente quando, n'aquelle paiz, alguem era convencido de calumniador, a lei impunha-lhe a obrigação de comparecer em uma praça publica, e ahi, diante de todo o povo, e postas as mãos no chão, devia ladrar como um cão por espaço de um quarto de hora.



COMO SE SÁE EM TERRA NO CEARÁ.

Nas praias arenosas do Ceará a forte resaca do mar não permite que os barcos, canoas ou escaleres abiquem em terra, sem o risco de se fazerem pedaços. Á falta de pontes solidamente construidas, e na impossibilidade de as levantar em alguns pontos, imaginou-se um meio de effectuar com segurança o desembarque das pessoas, que frequentam aquellas paragens. Não honra elle muito de certo a humanidade de quem o achou; consiste n'um estrado com quatro braços, sobre o qual está pregada solidamente uma especie de cadeira; quatro negros a levantam aos hombros, e entrando na agua com passo firme, seguem até o lugar em que paira o escaler, d'onde devem receber o passageiro. Raras vezes succede haver algum desastre; e geralmente o viajante salta em terra são e escoreito, posto que quasi sempre, como era de suppor, encharcado. A este singular vehiculo aquatico chamam no Ceará *paviola*. Não é elle porém exclusivo do imperio do Brazil; na nossa Africa occidental a resaca, que ali tem o nome de *caléma*, torna-o muitas vezes indispensavel. A este proposito veja-se o que escreveu o sr. F. M. Bordalo, no volume XI d'este semanario, paginas 223.

A estampa dá uma perfeita idéa da construcção da *paviola* do Ceará, ou *estrado*, como lhe chamam nas nossas possessões africanas.

O HYPOCRITA.

O hypocrita é santo pintado; tem as mãos postas, mas não ora; o livro na mão, mas não lê; os olhos no chão, mas não se desestima. É hypocrita o mercador que dá esmola em publico, e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva, que sae mui sisuda no gesto e habito, e dentro em casa vive como ella quer; é hypocrita o sacerdote, que sendo pontual e miudo nos ritos e cerimoniaes, é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador, que onde falta a esperanza do interesse, é rigido observador do direito; é hypocrita o prelado, que diz que faz o seu officio por zelo da honra e gloria de Deus, não sendo senão pela honra e gloria propria; hypocrita é o que não emenda em si o que reprehende nos outros; o que cala como humilde, não calando senão como ignorante; o que dá como liberal, não dando senão como avaro solicitador das suas pretensões; o que jejua como abstinentemente, não se abstenendo senão como miseravel.

P. BERNARDES, NOVA FLORESTA.